

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, SETEMBRO/2017 - ANO XXI - Nº 248

EDITORIAL

“Ou o Brasil acaba com a saúva, ou a saúva acaba com o Brasil”. Esta frase é atribuída ao naturalista e botânico francês, Auguste de Saint Hilaire, e teria sido dita no início do século 19, quando pesquisava plantas brasileiras. O escritor modernista Mário de Andrade faz uma variação desta célebre frase em Macunaíma: “Pouca saúde e muita saúva, os males do Brasil são...”

Se estivessem vivos, tanto Saint Hilaire quanto Mário de Andrade constatariam que as saúvas, praga danada, são fichinhas ante o formigueiro da corrupção política que toma conta do Brasil.

Vivemos uma de nossas maiores crises econômicas. O desemprego atinge níveis alarmantes. A população, desassistida pelos governantes, padece com a falta de assistência médica e de educação de qualidade, e a violência crescente assusta o cidadão de bem.

Por trás deste caos está a corrupção. Quadrilhas de políticos inescrupulosos ocuparam a máquina pública nos últimos anos e lotearam o patrimônio nacional entre partidos políticos que, numa avidez maior do que a de qualquer formiga cortadeira, dilapidaram os cofres públicos e quebraram o país. O Estado, rapinado, deixou de investir em necessidades básicas. Está quebrado! Nunca antes na história deste país testemunhamos tamanha indecência e desfaçatez da classe política. Parece não ter fim a roubalheira! Os valores são bilionários! Dia após dia novas denúncias e novos escândalos.

Uma luz se acendeu, porém, e trouxe-nos alento: a Operação Lava Jato, a Polícia Federal, o Ministério Público e o Supremo Tribunal Federal passaram a investigar, denunciar e punir exemplarmente políticos e empresários até então considerados acima da lei e a colocá-los na cadeia. Há, ainda, no entanto, muito a ser feito! Precisamos, definitivamente, passar o país a limpo!

No último dia 18 de setembro tomou posse a nova procuradora-geral da República, Raquel Dodge, substituindo a Rodrigo Janot, que, em seu mandato, denunciou poderosos instalados em altos cargos do poder. Em seu discurso de posse, Dodge prometeu firmeza e coragem no combate à corrupção. Disse estar diante de uma “enorme tarefa” e que pretende repetir seus antecessores na “certeza de que o Brasil seguirá em frente, porque o povo mantém a esperança de um país melhor, interessa-se pelo destino da nação, acompanha investigações e julgamentos, não tolera a corrupção e não só espera, mas também cobra resultados”. Que cumpra sua palavra!



Foto Arquivo Pro-Memória

Marco arquitetônico na paisagem piquetense, a atual Matriz de São Miguel, com traços modernos e arrojados, é obra do arquiteto Prometheu da Silveira e foi finalizada em 1970, após intenso trabalho da comunidade.

A devoção a São Miguel Arcanjo

A comunidade católica piquetense comemora, solenemente, em todo 29 de setembro, o seu padroeiro, São Miguel Arcanjo.

A devoção a São Miguel, no Brasil, vem dos primórdios da colonização portuguesa. Chegou a São Paulo de Piratininga com os Jesuítas, atravessou o Vale do Paraíba, transpôs a Serra da Mantiqueira e, levada por sertanistas, espalhou-se pela região dos garimpos, em Minas Gerais. Sua imagem era uma das mais invocadas no período colonial. Aparece frequentemente nos oratórios, capelas e nas canastras dos viajantes.

Quando da criação da freguesia de Nossa Senhora da Piedade, em 1718, veio a ser devotado pelos paroquianos na Irmandade de São Miguel e Almas. Essa devoção contagiou os primeiros moradores das terras que deram origem a Piquete, que também já o solenizavam no século 18. Assim, quando a população do Bairro do Piquete solicitou, por meio de uma petição junto ao bispado de São Paulo, autorização para a ereção de uma capela, em 1864, elegeram-no como orago. São Miguel tornou-se, então, padroeiro de Piquete e guardião de nossas colinas de pé de serra, sinalizador dos caminhos difíceis por onde o ouro e as riquezas circulavam despertando a cobiça e os jogos de poder.

O culto a São Miguel está presente na Igreja Católica desde seus primeiros tempos. A ele são dirigidas novenas e orações pedindo a proteção contra o mal e a direção

no caminho de Deus. Ele é considerado o guardião celeste, o príncipe e guerreiro que defende o trono celestial e também o defensor e protetor dos fiéis e Padroeiro da Igreja Católica. São Miguel é o chefe supremo do exército dos anjos de Deus e é conhecido também como o Arcanjo da justiça e do arrependimento. Ele é o grande combatente e vencedor das forças do mal. Suas intervenções em favor do povo de Deus, quer no Antigo Testamento, quer no Novo Testamento, motivaram, de parte da Igreja, desde o seu princípio, especial veneração, considerando-o guarda e protetor das famílias no seu peregrinar por este mundo.

Em documentos oficiais dos Pontífices e, de modo especial, no culto litúrgico, São Miguel é honrado como protetor da Igreja e como padroeiro dos agonizantes; também é ele quem conduz as almas dos que deixam este mundo ao julgamento. Os cristãos invocam-no como advogado de defesa na vida e na hora da morte. São Miguel, príncipe da milícia celeste, travou no céu um combate com o demônio.

Nesse 29 de setembro, como o fazem todos os anos, os piquetenses se voltam para seu protetor e padroeiro, São Miguel Arcanjo, pedindo-lhe que os assista nos combates do bem contra o mal e que estenda suas asas sobre todos, e que Piquete, sob sua proteção, caminhe nas sendas do progresso, da justiça e da paz.

Imagem - Memória

Fotos Arquivo Pró-Memória



Peregrinação ao Santuário de Aparecida

Durante todo o ano, assistimos passar por Piquete, cruzando a Mantiqueira, milhares de romeiros de diferentes localidades de Minas Gerais dirigindo-se ao Santuário Mariano de Aparecida.

Essa viagem de peregrinação exige certo sacrifício que o romeiro faz com determinação e alegria. Alguns percorrem esse caminho sozinhos; vêm em oração, contemplando as belezas da paisagem serrana. Outros vêm em grupos de dezenas e até centenas de devotos.

Em Piquete, desde os primórdios de seu povoamento, ainda em meados do século 18, os moradores se organizavam e visitavam a imagem milagrosa de Aparecida. A devoção mariana a Nossa Senhora Aparecida é grande no centro-sul do país.

Participar de uma romaria é encetar viagem a lugares santos e de devoção empreendida por aqueles que desejam pagar promessas, rogar por graças ou revelar gratidão pelos desejos realizados. As pessoas normalmente se agrupam para realizar essa jornada e seguem a pé, a cavalo ou em diferentes meios de transporte. Até a década de 1970 era comum o trânsito pela Mantiqueira de caminhões cobertos por um toldo, com tábuas atravessadas na carroceria que serviam de banco para romeiros. Apesar do desconforto, faziam o percurso cantando e rezando, e retornavam fortalecidos na fé.

A peregrinação a Aparecida surge logo

após o achamento de uma imagem nas águas do Paraíba do Sul, em outubro de 1717. Após frustrada tentativa de apanhar peixes no rio perto de Guaratinguetá, três pescadores colheram em sua rede o corpo da imagem de Nossa Senhora da Conceição; depois, a cabeça da mesma. A este fato se seguiu farta pescaria, que surpreendeu os três homens. Tendo limpadado e recomposto a imagem, expuseram-na à veneração dos fiéis em casas de família.

Verificaram-se, porém, alguns prodígios que chamaram a atenção do padre José Alves Vilela, pároco de Guaratinguetá. Este, então, decidiu construir para a Imaculada Conceição uma capela capaz de satisfazer ao crescente número de devotos da Virgem. Tal capela foi substituída por outra maior, em 1745, no Morro dos Coqueiros. A notícia de novos milagres se espalhou e fez crescer a devoção. Em 1846, foi iniciada a construção de um templo maior, que ainda hoje subsiste. O aumento constante do número de devotos e a procura, cada vez maior, por esse santuário levaram à construção da atual basílica, alvo de peregrinações numerosas durante o ano inteiro.

Em 1930, o Brasil foi consagrado a Nossa Senhora Aparecida, por decreto do Papa Pio XI. No ano seguinte, em 31 de maio de 1931, em solene manifestação religiosa, a imagem foi levada à capital da República. No Rio de Janeiro, percorreu, em procissão,

o centro da cidade. Finalmente, na Esplanada do Castelo, em presença do Presidente da República, Getúlio Vargas, de autoridades civis e militares, do episcopado brasileiro e de enorme multidão de fiéis, o Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Sebastião Leme, proferiu o Ato de Consagração que oficializou o decreto papal. Recomendava à excelsa padroeira todos os interesses e as necessidades da Pátria.

Nesses 300 anos do encontro da imagem de Aparecida, são numerosos os relatos de milagres atribuídos à Virgem. Todavia, o que mais importa são os numerosos casos de conversão espiritual e reencontro da paz interior alcançada pelo patrocínio de Maria Santíssima.

É rara a família piquetense que não tem entre seus guardados uma fotografia tirada em frente ao Santuário Mariano de Aparecida. Seja numa romaria, batizado ou casamento, nessas fotos reúnem-se parentes e amigos que se juntam para rezar, louvar e agradecer à Nossa Senhora. Há 300 anos, a pequena imagem da Conceição Aparecida emociona e consola a todos cujos olhos a ela dirigem. Emoção e fé podem ser observados no olhar dos peregrinos.

Fotos: 01: Congregados Marianos de Piquete, em 1948. 02: Pia União das Filhas de Maria, na década de 1940. 03: Casamento de tradicional família piquetense, na década de 1940. 04: Grupo de romeiros piquetenses em Aparecida, em 1937, tendo à frente o Padre Oswaldo Bindão.

GENTE DA CIDADE

Luiz Flávio Rodrigues

Luiz Flávio Rodrigues é piquetense. Nasceu a 7 de outubro de 1962, filho mais velho do casal Luiz Rodrigues Ramos e de Milce Cardoso Mota Rodrigues. Tem mais um irmão e duas irmãs. A família é antiga na região, originária de Minas, como muitas das que formaram a cidade de Piquete. “Nasci no Hospital da FVP, pelas mãos de D. Marta Schomoeller, que viria a ser minha sogra – sempre ríamos muito dessa situação”, conta.

Luiz Flávio afirma ter sido “um moleque” na infância. “Minhas brincadeiras eram o estilingue, nadar no rio que passa nos fundos da casa de meus pais, correr nos campos...”. O pai, à época caminhoneiro, é e sempre foi exemplo. Quando não estava viajando, a família ia para São Francisco dos Campos do Jordão, no alto da Mantiqueira. Já na adolescência, veio o gosto por acampar. O Pico dos Marins, com seus 2.422m, era destino constante com os amigos Emerson, Peter Armando, Fofinho e Luiz Antônio... “Cada subida era uma aventura diferente. Comíamos o que caçávamos...”, relata, acrescentando que “hoje a consciência preservacionista impediria tais atitudes...”.

Se foi um adolescente caseiro, em função da mãe severa, quando foi estudar no Colégio Técnico de Guaratinguetá (COTEG), morando em república e longe do controle dos pais, “caiu na farra”... O resultado: jubilado por ser reprovado duas vezes em Física, justamente a disciplina em que, mais tarde, iria se graduar. Conta que confirmou o resultado da segunda reprovação junto com o pai, que se calou. Ao retornar a Piquete, foi comunicado que “se não gostava de estudar, iria ter que trabalhar”. “Mas meu pai era sábio. Arrumou-me um emprego em que eu teria de acordar muito cedo, coisa que eu detestava. Para me safar, prometi-lhe que, daquele dia em diante, jamais iria reprovar qualquer outra matéria”. Foi assim que ingressou no DELTA, em Lorena. Trabalhando durante o dia e estudando à noite, formou-se, sem reprovações, técnico em Eletrônica.

Começou sua carreira profissional em Taubaté. Nesse trabalho, destaca que além de ter aprendido muito, conheceu todo o estado de São Paulo, pois viajava de segunda a sexta-feira. Em 1982, ingressou no Instituto de Pesquisas Espaciais (INPE). Em 1991, foi para a iniciativa privada, mas, quatro anos depois, por meio de concurso público retornou e nessa renomada instituição está até hoje, agora prestes a se aposentar. Em 1997, ingressou na faculdade de Física –



matéria que fora seu algoz no ginásio... Cursou, ainda, MBA em Gestão Pública na Fundação Getúlio Vargas. Foi também professor na Faculdade Teresa D’Ávila (FATEA) por sete anos.

Sempre crítico, Luiz Flávio é muito ativo na sociedade piquetense, seja como membro da Igreja Católica, como ambientalista ou na defesa de interesses da comunidade. Na Igreja, participou de grupos de jovens, cursilho, OVISA e manteve-se atuante na comunidade católica. Hoje é Coordenador de cursilhos de Piquete e realiza palestras no curso de noivos. Foi durante a novena do padroeiro São Miguel de 1980 que conheceu a filha da parteira que o trouxe ao mundo, Miriam Schmoeller do Prado. Casaram-se em 17 de dezembro de 1983 e tiveram três filhos: Lívia – que lhe deu um casal de netos –, Lucas e Marina. É um típico “paizão”, afirmam constantemente os filhos. Entre gargalhadas, conta que, quando criança, “apanhava em doses homeopáticas – duas vezes por dia!”. Hoje, quando ralha com os netos e promete bater, ouve da mãe: “Não adianta bater. Você apanhava todos os dias e não resolveu nada!”.

Seu comprometimento com a causa ambiental e cultural levou-o a ser convidado por Célia Aparecida Rosa a participar da Fundação Christiano Rosa. Passou a fazer parte da diretoria em 1998 e hoje é o Presidente do Conselho Curador da Instituição.

Luiz Flávio mantém uma coluna neste informativo, na qual deixa claro seu amor pelos livros, a veia poética e a forma democrática e justa como encara as realidades brasileira e a mundial. Evidencia-se em seus textos um homem realizado e responsável, digno da trajetória vencedora e merecedor de um futuro feliz e ativo em nossa sociedade. Piquete só terá a ganhar com pessoas como Luiz Flávio!

Vai lá e faz

Laura Cristina Peixoto Chaves

Você terminou seus estudos? Você já está no mercado de trabalho?

Terminar os estudos e ingressar no mercado de trabalho é praticamente um sonho coletivo, mas um processo que passa por etapas que merecem ser repensadas.

Primeiro você estuda anos a fio, sentado em carteiras arrumadas, uma atrás da outra, tendo à frente um professor sabichão que vai lhe ensinar tudo que você precisa saber para no futuro ingressar no mercado de trabalho. Mas aí, quando você chega ao mercado, descobre que muitas das coisas que aprendeu não são necessárias, ou melhor, são totalmente dispensáveis. Por outro lado, descobre que para sobreviver terá que aprender, na marra, muitas outras coisas.

Você terá que redigir e-mail, comunicados, ordens de serviço, o que é bem diferente da redação “As Minhas Férias”. Também terá que falar em público, ser objetivo e vender ideias. Além disso, deverá ser colaborativo, proativo, empreendedor, negociador, carismático e autodidata. Nesse momento, você descobre que tem um X de verdade, ou seja, um problemão sem fórmula pronta para resolver. Vai lá e faz! Use suas ferramentas de autodidata... Aquelas apreendidas na Escola.

Fácil falar, não é mesmo? Mas para ir lá e fazer, você terá que estudar e desenvolver competências que não foram trabalhadas na escola.

Foram em torno de 16 a 20 anos de estudos. Provavelmente serão mais 40 de trabalho e a gente fica se perguntando: por que as duas etapas não conversam entre si? Mais um X!

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Professor Luiz de Castro Pinto, 22

Tels.: (12) 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.



Simpósio de Preservação do Patrimônio Artístico & Cultural Católico



Foto Laurentino Gonçalves Dias Jr.

“Uma sociedade que não sabe preservar sua memória, é uma sociedade com graves problemas de identidade” (Jacques Le Goff)

Organizado pela Arquidiocese de São Paulo e pela Fundação São Paulo, aconteceu, nos dias 25 e 26 de agosto, no Teatro da Universidade Católica de São Paulo (TUCA), o Simpósio de Preservação do Patrimônio Artístico & Cultural Católico. Teve como objetivo principal refletir e discutir a problemática do patrimônio material e imaterial cultural e artístico católico a partir dos termos do documento que institui legalmente o Acordo Brasil – Santa Sé.

Assinado inicialmente em 7 de janeiro de 1890, este Acordo reconheceu a personalidade jurídica da Igreja Católica após a proclamação da República. Revisto e ratificado, foi ampliado e promulgado em 11 de fevereiro de 2010 e define as ações da Igreja Católica a respeito da importância

da preservação dos bens culturais católicos brasileiros construídos pela Igreja no país desde o seu descobrimento. O Acordo atribui à Igreja Católica o papel de dividir com os órgãos legislativos ações de preservação e salvaguarda dessa memória nacional.

O Simpósio propôs promover maneiras de materializar esse Acordo de modo a tornar possível a difusão desse conhecimento com a produção de material didático para todo território nacional. Explicitaram-se ao longo do Simpósio a importância da construção da identidade histórica brasileira, assim como meios de viabilizar os caminhos processuais acerca dos modos de preservação de seus bens culturais.

A Diocese de Lorena estava representada por dois membros de seu Conselho de Bens Culturais: Pe. Fábio de Sá, pároco da cidade de Cunha, e Laurentino Gonçalves Dias Jr., da Fundação Christiano Rosa.

Somos estúpidos!

“O homem é um estúpido”. Essa frase foi proferida pelo Papa Francisco, que falava do aquecimento global e suas consequências. Bergoglio complementou dizendo que o homem “é um teimoso que não vê”. São palavras do livro dos Provérbios. Quando olhamos os sinais que o planeta nos dá é quase impossível deixar de ver uma verdade alarmante e dolorida. Algo estranho acontece e fere o homem mortalmente. Para piorar, os que mais sofrem são os mais pobres. Esses têm casas mais fracas, moram em áreas de risco, usam transportes suscetíveis a danos e não têm dinheiro para tratar os problemas.

Ao longo do tempo, muitos sinais foram dados aos cientistas que esquadrinham o planeta buscando evidências científicas do aquecimento e o sujeito causador. Segundo o professor Pedro Dias, da USP, o esfriamento das camadas superiores da atmosfera surgiu tempos atrás. Indicador de que aumentara a concentração de gases do efeito estufa nas camadas inferiores. Ele também mostra que a perda de gelo nas geleiras, fenômeno sazonal e natural, tem-se acelerado nos últimos anos. De forma didática, brincou com a repórter que o entrevistava: pergunte para essa molécula de dióxido de carbono aqui em nossa frente, de onde você veio? E ela vai responder que estava em um lugar quentinho e calmo fazia milhões de anos, lá no fundo da terra. Alguém a retirou de lá transformou-a em combustível e agora ela estava ali, solta na atmosfera. E, como complemento, deveríamos estar em uma época de esfriamento da atmosfera devido ao ciclo solar. Mas, a cada dia, mais e mais a temperatura global média sobe.

É sim! Somos estúpidos! Fazemos nossa cama de morte para nos deitar. Levamos, porém, conosco nossos filhos, netos e bis-

netos. O Papa complementa: “O homem é o único animal que tropeça duas vezes na mesma pedra”. Sabendo do problema que lhe arrancou a unha do dedão, insiste nele. Tropeçar e tropeçar e tropeçar de novo. As autoridades mundiais “viajam na maionese”. Olhemos os furacões Harvey, Irma, José e Kátia que devastaram o Caribe, Texas e o sul da Flórida. Eles apenas repetem um ciclo de furacões que se repete cada vez com maior frequência. É sabido que os ciclos de grandes furacões eram de centenas de anos. Hoje não chegam a dezenas. Em 2010 tivemos algo parecido com os furacões Igor, Julia e Karl, no mesmo período de setembro. Além disso, o poder dos mesmos só cresce.

As autoridades e empresários olham apenas o hoje. Não se preocupam com a pegada suja que deixam no planeta. Segundo notícia do site Terra, “o chefe da Agência de Proteção Ambiental dos EUA (EPA, em inglês), Scott Pruitt, disse ser um momento inapropriado para discutir a relação entre aquecimento global e a passagem dos furacões pelo Caribe e EUA”. Complementa dizendo que a “especulação sobre as causas e efeitos dos furacões (...) são descabidas”. Não! Não são descabidas! Ele é que é mais um dos estúpidos. Na mesma reportagem, o prefeito de Miami, Tomás Regalado, diz que “é a hora do presidente (Trump), da EPA e de quem mais toma decisões, falar sobre mudança climática”. Mas isso não é diferente em terras tupiniquins. Hoje 44% de nosso Congresso pertencem à chamada bancada ruralista. São 261 congressistas que fazem horrores em termos ambientais. Coloque nesse pacote o afrouxamento das regras de desmatamento, perdão de dívidas “trilionárias”, abertura da RENCA para exploração desenfreada, permissão do uso

de pesticidas mortais, indecisão sobre o uso de amianto e tantas outras ações contra o meio ambiente. Se pior não fosse, ainda temos os tribunais superiores que passam a mão nas cabeças de “Samarcos” e tantas outras agressoras dos planetas. Tudo isso em nome de uma única coisa: lucro imediato e inconsequente.

Então você me pergunta: e eu com isso? Oras bolas para as pianolas! Uma pessoa só se elege com voto. Alguém votou nele. Se não foi você, foi seu amigo, parente, vizinho, marido, esposa, filho ou filha. E se você se cala, você também é culpado. Eu entendo isso como um crime doloso. Um crime com a intenção de matar. Omitir é ter culpa dolosa. Não há como não saber e, sabendo, não se pode deixar de fazer. Quando você faz uma má ação ambiental, atira lixo no rio, atea fogo nos morros, não recicla, você também é culpado. Culpa de morte. Quando você vê alguém fazendo e nada fala ou faz também é culpado. No segundo domingo de setembro, chamou-nos a atenção o Padre Fernando Sampaio, pároco da Matriz de São Miguel, em Piquete. Na sua homilia, disse que Deus nos pergunta: “Onde está seu irmão?” Dura, incisiva, profunda, marcante, dolorida pergunta. Onde está? A mesma pergunta feita a Caim depois de ter matado seu irmão. Onde está seu irmão? Você o tem assassinado? Até quando tropeçaremos na mesma pedra? Até quando seremos estúpidos?

Termina então a reportagem que li com as seguintes palavras do Papa: “Eu não acho que seja algo para brincar. Cada pessoa tem sua responsabilidade, os políticos têm as suas”. Cada pessoa: eu, você e ele. O futuro está em suas mãos!

Luiz Flávio Rodrigues

Neste setembro a natureza se rebela

Assistimos estarecidos a uma repetição desnorteada de desastres naturais. Primeiro, o furacão Harvey inundou Houston, no estado americano do Texas. Depois, o México foi atingido por um grande terremoto de magnitude 8.2. Ao mesmo tempo, o furacão Irma castigou o Caribe, a Florida, o sudeste dos Estados Unidos e também o leste do México. Como se não fosse suficiente, o furacão José aparece do nada devastando a Costa Rica, enquanto o Maria causa estragos em ilhas do Caribe. Para piorar, um segundo terremoto atingiu o México no dia 19, agora com magnitude 7.1, com centenas de mortes e milhares de feridos, além de prejuízo incalculável.

Muitos pensam que tudo isso é sinal do fim do mundo. Veem sinais apocalípticos. No entanto, estamos na temporada de fura-

ções naquela região do Atlântico. O que se observa é que, com as mudanças do clima no planeta e os ciclos do El Niño e da La Niña, esses furacões estão mais potentes e destruidores. Quanto aos terremotos, são comuns naquela região do México devido à localização do país entre placas tectônicas em constante movimento.

A sucessão de desastres naturais expõe a fragilidade do ser humano frente às forças da natureza. Daqui do Brasil acompanhamos apreensivos e nos sensibilizamos com o drama daqueles povos. Livres de desastres naturais daquela magnitude, devemos elevar as mãos ao céu e agradecer e, ao mesmo tempo, nos mobilizar em ações afirmativas para evitar o desmatamento, conter ou evitar a poluição e recompor áreas degradadas visando a mitigar o aquecimento global.



Foto Arquivo Pró-Memória

Piquete, um paraíso para observadores de pássaros

A proximidade com a Mantiqueira e o extenso e bem preservado fragmento de Mata Atlântica mantido pela Fábrica Presidente Vargas fazem dessa área um refúgio da vida silvestre.

No dorso da serra, dando continuidade a essa floresta, observam-se, ainda, substanciais fragmentos que se interligam formando um corredor por onde transita rica diversidade de espécies. Em muitas propriedades rurais do município, a vegetação vem se recuperando de maneira espontânea. Essa facilidade de recuperação se deve ao banco genético encontrado nesses fragmentos de floresta, que provê a dispersão de sementes para o município de Piquete. Infelizmente, todos os anos, extensas áreas de campo são criminosamente queimadas impedindo que as encostas sejam revegetadas. Apesar dos agravos, observamos a generosidade da natureza, que nos presenteia com o cres-

cente aumento do número de espécies de aves, muitas das quais havia muito não eram observadas na região, o que é uma festa para os olhos dos observadores de pássaros. O canto dessas aves pode ser ouvido por toda a cidade logo pela manhã e no final da tarde assim que o sol declina sobre o dorso da Serra.

Observar pássaros é prática muito desenvolvida na Europa e na América do Norte, que vem crescendo no Brasil. A diversidade de espécies encontrada em Piquete pode concorrer para que o município se torne um centro para os praticantes dessa atividade de lazer. Essa é uma prática relacionada ao turismo ecológico, que não é novidade no mundo e que aqui vem ganhando impulso muito grande.

Conhecida pelos vocábulos “birding” ou “Bird watching” nos EUA e na Europa, onde tem grande força e movimentação bilhões de dólares anualmente, caracteriza-se por

intensa conexão do observador com o ambiente natural e está cada vez mais fácil de se praticar. Neste contexto, o Brasil pode se considerar privilegiado enquanto local para o contato com essas criaturas aladas, que por aqui chegam a quase duas mil espécies, número que nos posiciona como o segundo país mais diverso do mundo. Não por acaso, os observadores de todo canto vêm ao país todos os anos para observar algumas das aves mais incríveis do planeta, em busca de cores espetaculares, seus belos cantos e sua diversidade.

Piquete pode se preparar para ser um polo atrativo pela vasta porção de Mata Atlântica, trazendo para o município pessoas interessadas em observar, fotografar e gravar esses animais. É preciso um trabalho educativo e políticas públicas voltadas para a conservação desses fragmentos e a recuperação de áreas degradadas, aumentando o espaço e integrando essas florestas.



Fotos Arquivo Pró-Memória

Crônicas Pitorescas

O fiscado...

Palmyro Masiero

O camarada estava numa daquelas de transar uma amizade colorida com determinada pantera e não conseguia jeito de colocar tinta na dita simpatia. A enxuta em vista era a secretária de um curso noturno e o paquerador trabalhava durante o dia. Tem-se que levar em conta que era casado e a esposa ciumenta em elevado expoente. No passar da semana, quando poderia dar uma engripada na patroa e praticar uma fugidinha, não resolveria seu problema, pois seu objetivo estava trabalhando. Aos sábados e domingos, o casal casado já transformara em tradição curtir o fim de semana junto. Burrice dele converter certos baratos em hábito! Estava assim o cara em situação de comer jabuticaba de faca e garfo.

Pulador de muro de primeira viagem, empolgadão, e a chance trabalhando de bandida! Abriu o jogo com os colegas de serviço e mesmo os habituados em trambicar fora de casa não conseguiam uma fórmula ideal para liberar o companheiro em um final de semana sem que se processasse uma deflagração belígera no lar. Justamente um com cara de boi sonso foi quem pintou com uma solução:

– Você gosta de pescaria?

– Lá tenho paciência pra ficar segurando vara em beira de rio!

– Pois passe a gostar! A mina lá não vale um sacrifício?

– Bota sacrifício nisso!

Começou a explicar o plano. Todos os sábados deveria reunir-se com um grupo e ir para uma pescaria. Que fizesse o que entendesse, mas que, aparentemente para sua mulher, estava apaixonado por esse esporte odiado pelos peixes. Trazer de vez em quando um bagrinho para enganar a fera. Mentir bastante sobre os peixes que lhe escaparam, coisa normal de piraquara. Enfim, amarrar-se integralmente em pescaria.

– E onde é que entra minha panterona nessa história? – chiava o excitado.

– Calma, bicho! Isso é a fase preliminar do plano. Quando sua mulher estiver tranquila com esse inocente passatempo é que vem a gororoba!

Transformou em miúdos: a turma resolverá fazer uma grande pescaria num rio lá pelo Sul de Minas, lugar distante, mas muito piscoso. Para isso, sairiam num sábado bem de manhã. Pousariam em barracas à beira do rio. Ele teria que

levar o carro, pois eram muitos, além do transporte do material. Domingo à tarde estariam de retorno. E que faria ele na realidade? Marcaria encontro com a secretária desejada e curtiriam aquele sábado num sereno motel.

O danado endoidou de alegria! De imediato colocou o plano em ação. Mais de um mês andou pelas barrancas dos rios, com anzóis, linhas e outros tais que comprou. No início sua mulher estranhou aquele capricho repentino, mas – suas chegadas de pescarias eram tão convincentes – aceitou essa nova atividade com esportiva. Afinal, pensava, a noite era deles.

Chegou o sábado que estabelecera para a noitada fora. Houve, por parte da sua cara metade, alguma grita, mas, com jeitinho – brasileiro da peste! – ele contornou a coisa. Às cinco da manhã, antes da madame acordar, o marido deu no pé.

O sábado foi-se. Veio o domingo. Aqui ninguém é quarto de motel pra saber o que houve lá dentro. E nem nós temos nada a ver com a vida dos outros! O caso que nos interessa é que pelas quatro horas da tarde ele chega em casa, cansado e com olheiras. Cachorro ladrão nego nota logo. Imaginem mulher ciumenta! Acabou reclamando de tudo: da distância do rio, da estrada esburacada lá nos cafundós, da chuva que caíra a noite toda, da dormida no meio do barro dentro da barraca... Um inferno! O rio, um lamaçal!

– Não pescaram nada, então?! – perguntou a mulher com jeitão irônico.

– Pegar o quê?! Era só barro e chuva caindo... – falou o cara de pau.

– Vocês pararam em algum lugar na volta? – inquiriu a patroa.

– Quê!... A gente não via a hora de chegar em casa!

– Tem uma turma despeitada que diz que em Minas acontece de tudo, mas de duas coisas eu duvido.

– Que conversa é essa?! – assustado ele gritou como anteparo.

– Primeiro: chuva seca e barro limpo! Tanto suas roupas, que são de passeio e não de quem vai a uma pescaria, como seus sapatos e o próprio carro não têm sequer uma manchinha de barro. Segundo: mesmo que estivesse chovendo, que caísse água perfumada!

Querem saber no que deu? Eu idem!

Flores como escudos

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

O ambiente político em nosso país está semelhante à devastação provocada pelos furacões que recentemente assolaram áreas da América do Norte e do Caribe. Se lá as forças da natureza é que se mostram incontroláveis, cá em solo brasileiro somos devastados pela falta de moral e de ética de nossos governantes. É a mostra da incontrolável irracionalidade do homem.

Confesso que estou ficando sem esperanças de ver o Brasil bem. Acredito que algumas gerações nos separam de políticos honestos, comprometidos com o bem do país e da população, de instituições sérias e independentes, de cidadãos que pensam coletivamente. Ao mesmo tempo, não consigo desistir... Seria desistir de mim, de minha história...

É setembro! É época da primavera! É período de vida, de renascimento! Os ipês nos escancaram a beleza do amarelo, do rosa, do branco e colorem as ruas e também as redes sociais – fotos encantadoras registram o florescer dessas tão belas árvores em diversas localidades. Para os que preferem o calor, os dias quentes já se impõem... As matas também agradecem, pois, junto com o calor vêm as águas e o verde rapidamente torna a colorir a paisagem... Que essa beleza nos empodere! Que seja nosso impulso contra o cinza da corrupção!

Quem dera fôssemos ilhas, responsáveis apenas por nós mesmos, imunes a governantes e políticos ineptos e corruptos, e atores de ações igualmente indiferentes ao próximo! Talvez mais realizados seríamos em nossas metas... O isolamento, porém, não é saudável. Somos intrinsicamente sociáveis; precisamos viver em sociedade e partilhar bons e maus momentos com parentes e amigos verdadeiros.

Os políticos brasileiros tentam, de todas as formas – acredito eu – fazer com que acreditemos no Brasil que eles nos entregam. Que desistam! Queremos o Brasil que nós, trabalhadores e honestos brasileiros, sonhamos, e isso significa um país sem eles, esses corruptos, venais e incompetentes.

Podemos até falar somente em flores! Mas não podemos ignorar nossa essência democrática e social, a qual exige que nos posicionemos contra tudo que nos faz mal, que nos dispersa, que nos aliena, que nos torna pedaços de um todo sem conserto. Somos muito mais do que isso! Somos um povo bonito de um país grande, unido e forte! Iremos vencer os que nos tentam derrubar! Vamos em frente tendo as flores como escudos contra a bestialidade humana!

Estação Rodrigues Alves

Sob altas montanhas
e ondulados montes,
Piquete teve um coração
de locomotivas e vagões:
era uma das forças do trabalho
e da união de seus filhos!
Hoje... Resta o pulsar
de muitas saudades!

Nelo Pelegrine

Primavera

São Miguel traz primavera
Em setembro, mês das flores.
Na antiga e na nova capela
Incenso, cantos, louvores.

Dóli de Castro Ferreira





Tempo seco, tempo de queimadas

Todos os anos, durante o inverno, assistimos aos tristes episódios das queimadas que se alastram por quase todo o centro-sul do país. No tempo seco elas reinam na paisagem. Num ano, mais brandas, em outros, mais frequentes.

Em Piquete, a Cidade Paisagem, praticamente em todo final de tarde somos surpreendidos com novos focos de incêndio nas encostas e morros, deixando calcinada a paisagem, emprestando-lhe um aspecto de abandono e descaso com a natureza.

A maioria desses incêndios é causada por ação humana. Muitos proprietários rurais, buscando renovar o pasto, que fica seco e duro, com poucos nutrientes para o gado, colocam fogo visando à rebrota da vegetação, que será bem mais nutritiva e palatável aos animais. O problema é que

essas queimadas, muitas vezes, fogem ao controle e causam muitos estragos. Além de deixar o clima mais seco do que o normal, aumentando os índices de certas doenças, como as respiratórias, as queimadas colocam em risco toda a vida da região. As plantas que não forem resistentes aos incêndios irão morrer, assim como os animais. Cabe ao homem colocar a mão na consciência e atear fogo no mato apenas quando estritamente necessário e cuidar para que ele não se alastre. Dessa forma, além de salvar a vida silvestre, seriamente ameaçada, a população humana também será beneficiada com um clima não tão seco e a diminuição de doenças comuns à época.

Faz-se necessária a criação de uma brigada contra queimadas no município e de um plano estratégico.

O Relógio da Matriz

*Os ruídos urbanos
Abalam seu som.
É preciso querer ouvi-lo
Compassado, somando alegrias
E agonias.
O relógio da Matriz
Registra em cada meia hora
O sinal consagrado
Da memória.*

*O ecoar cristalino
Nas dobras das curvas
Dos morros
É o sinal esperado
Da vida contada.
Registra os que se foram,
Os que estão e são,
E os que vêm
E virão
Sempre,
Para lembrar um tempo
Que não acaba.*

Dóli de Castro Ferreira

Cotas raciais e a retirada dos obstáculos racistas

Em julho desse ano a USP, principal universidade do estado de São Paulo, juntou-se às universidades federais e a outras públicas na adoção de cotas raciais. Na prática, essa política pública significa que os autointitulados negros ou pardos que tiverem sua condição atestada por uma banca ingressarão na universidade através de um processo paralelo, sem a participação dos alunos brancos egressos de escolas particulares e brancos de escolas públicas – esses últimos já contemplados por cotas sociais. Essa política há muito é tema de acirrada discussão na sociedade brasileira, mas há no meio acadêmico certo consenso sobre a necessidade de sua aplicação. Buscando demonstrar o caminho teórico que nos trouxe até aqui, apresento, de maneira rasteira, as obras de dois grandes nomes da sociologia racial brasileira: Florestan Fernandes e Carlos Hasenbalg.

O primeiro nome, expoente da sociologia brasileira, foi o autor, em 1964, de “A Inserção do Negro na Sociedade de Classes”. O estudo de Fernandes, realizado através de levantamentos populacionais, entrevistas e relatos acerca da população negra de São Paulo, durante a primeira metade do século XX, demonstra que, apesar da República, em 1889, e da Abolição, um ano antes, os

negros não haviam sido colocados em pé de igualdade aos brancos no acesso à educação e ao mercado de trabalho. De tal modo, como demonstra Fernandes, o racismo teria afastado da escola os negros que se dispunham a frequentá-la e excluído do mercado de trabalho aqueles que, superado o primeiro grande obstáculo, se aventurassem na busca por um emprego formal. A conclusão do autor é de que, em que pese a abolição e o fim do regime aristocrático em vigor durante o XIX, os negros não haviam sido integrados à sociedade liberal-democrática do XX.

Mais de uma década depois, já desfrutando dos avanços metodológicos que as ciências sociais haviam alcançado, especialmente na área estatística, o argentino Carlos Hasenbalg, sociólogo erradicado no Rio de Janeiro, publicou, em 1979, “Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil”. A grande novidade que trazia a obra de Hasenbalg era sua base de dados, capaz de fornecer comparação entre o sucesso de negros e brancos no mercado de trabalho. Ao fazê-lo, Hasenbalg demonstrou matematicamente o que já era constatável através de meras perscrutações sociais: negros com anos de escolaridade similares aos de brancos detinham níveis de sucesso profissional e econômico inferiores. A lógica democrático-

-liberal, portanto, de que negros e brancos, a partir da abolição, teriam igual acesso a oportunidades era colocada em xeque. O racismo, como uma prática cotidiana de aniquilamento das oportunidades dos negros, agindo da preocupação prioritária de uma professora de creche com uma criança branca à exclusão apriorística numa entrevista de emprego, havia ceifado as oportunidades de uma parcela da população.

A receita de uma sociedade liberal-democrática, como a da qual nos julgamos pertencer, afirma que dois indivíduos de idêntica formação e preparo, assim como numa maratona, deveriam alcançar os mesmos lugares caso se esforçassem na mesma intensidade – residiria aqui a lógica do mérito, que separaria um de outro. Em nossa sociedade, no entanto, o racismo surge como um punhado de obstáculos que, colocados ao longo da trajetória do negro, desequilibra a pretensa competição igualitária que haveria de existir entre as etnias. As cotas raciais, portanto, surgem como nada mais do que um elemento para promoção da igualdade. Uma sociedade que se julga democrática não pode, de maneira alguma, permitir que discriminações ceifem oportunidades de grupos socialmente minoritários.

Rafael Domingues de Almeida

Nem melhor, nem pior; Único no Plano de Deus



Esta era a frase que meu pai usava para por fim às comparações entre irmãos, parentes, vizinhos e colegas.

Dizia ele:

“– Nossa única preocupação dever ser não decepcionar; cumprir o que Deus espera de cada um!”

Exemplo flagrante de desobediência foi a atitude de Lúcifer. Quando lhe foi atribuída uma missão, por não julgá-la condizente, exclamou: “– Non serviam!” (Não servirei)

O Arcanjo Miguel reagiu à Soberba de Lúcifer e o declarou indigno de permanecer no convívio com os Anjos.

Incrustado na Serra da Mantiqueira, havia um arraial formado por pessoas que cultivavam a virtude que se opõe frontalmente à Soberba.

Que é a humildade senão a perfeita aquiescência à vontade de Deus?

Quando trataram da escolha de seu Padroeiro, não houve grande disputa. Logo optaram pelo Arcanjo Miguel.

O Arraial virou Vila, chegou a Município e Cidade, mas São Miguel Arcanjo permaneceu orientando as pessoas a cultivar a virtude primordial.

Miguel é o reflexo do Poder de Deus.

Por onde passa sua luz implanta focos de bem, de beleza e de verdade.

Que estes focos ativem em nossos corações e mentes o conhecimento da vontade de Deus e a força necessária para cumpri-la.

Quando escolhemos o Arcanjo Miguel como Padroeiro, expulsamos a Soberba, porque descobrimos que só os humildes contemplarão a Face Sagrada. Livres do maior dos pecados e amparados pela maior das virtudes, cumparamos aqui e agora o que Deus determinou para nós.

Caminheemos para a salvação semeando, colhendo, limpando, ensinando, curando, vestindo, abrigando, alimentando, soldando, engraxando, cantando, rezando.

Sabe qual é minha maior esperança?

– Que, na catraca do céu, esteja Miguel!

Abigail Lea da Silva

Encontro de Bacias Hidrográficas do estado do Rio de Janeiro

A Fundação Christiano Rosa, membro do CEIVAP (Comitê de Integração da Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba do Sul), participou do ECOB RJ (Encontro de Comitês de Bacia Hidrográficas do estado do Rio de Janeiro), que aconteceu em Paraty, RJ, entre os dias 28 e 30 de agosto. Com o tema “Gestão Costeira e a Integração com os Recursos Hídricos”, o evento teve a participação de aproximadamente 300 pessoas.

Esta foi a quinta edição do ECOB RJ, que acontece anualmente e é uma oportunidade para a integração e troca de experiências entre os Comitês de Bacias do estado do Rio de Janeiro e os demais componentes do Sistema de Gerenciamento de Recursos Hídricos (SINGREH). Ainda que focado no estado do Rio de Janeiro, o encontro é uma excelente oportunidade para troca de experiências entre os comitês dos estados que compõem o CEIVAP.

Evidenciando a importância do Encontro, a cerimônia oficial de abertura contou com a presença do vice-prefeito de Paraty, cidade fluminense que sediou o encontro, e várias outras autoridades do município e do estado. Assim como nas demais edições, a

programação constou de seminários e mesas de discussão, todos com temas relacionados à gestão dos recursos hídricos no estado do Rio de Janeiro.

A programação contou com uma gama de atividades, como apresentação de casos de sucesso na gestão hídrica, conferências e mesas de debates sobre o tema principal do ECOB, além de palestras com representantes de diversas instituições. No último dia, os participantes discutiram os temas “Relação da Diminuição da Vazão dos Rios x Avanço Marinho / Cunha Salina” e “Barragens, Licenciamento e Segurança Hídrica” e aconteceram as apresentações dos Comitês de Bacias e suas Entidades Delegatárias.

Visita Técnica

O primeiro dia foi dedicado às visitas técnicas. O grupo do qual a FCR participou foi até a Praia do Sono conhecer o projeto de saneamento ecológico por meio da instalação de fossas evapotranspiradoras que vem sendo desenvolvido naquela comunidade caiçara. Com este tipo de fossa, o lençol freático não é contaminado. Além do processo de tratamento, essencial para a garantia da qualidade do meio ambiente,

destaca-se a conscientização da comunidade local, sem o qual o projeto não teria tamanho êxito. O líder comunitário, Jadson dos Santos, destacou, por exemplo, a utilização de moradores na construção das fossas, que também utiliza técnicas sustentáveis – o super e o hiperadobe.

O Encontro Estadual de Bacias Hidrográficas é organizado pelo Fórum Fluminense de Comitês de Bacias Hidrográficas, através da AGEVAP, com o apoio do Governo do Estado e da Secretaria do Ambiente do Rio de Janeiro, do Instituto Estadual do Ambiente (INEA) e do CEIVAP.

A Fundação Christiano Rosa, representada pelo engenheiro químico Laurentino Gonçalves Dias Jr., compareceu ao evento custeada pelo CEIVAP, no qual representa a sociedade civil do estado de São Paulo. Estava acompanhada por outros dois membros desse segmento: Luiz Roberto Barretti, da Associação Brasileira de Engenharia Ambiental e Sanitária (ABES) e atual vice-presidente do Fundo Estadual de Recursos Hídricos (FEHIDRO), e Elias Adriano, da Associação Jaguamimbaba, de Cruzeiro.

